



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¼ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado
 Camila Lacerda Couto - Especialização
 Cléo Belício Lopes - Especialização
 Daniel Flores - Pós-Doutorado
 Débora Flores - Mestrado
 Denize Brum Camargo - Graduação
 Flavia Helena Conrado - Mestrado
 Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado
 Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização
 Mateus de Moura Rodrigues - Especialização
 Raquel Miranda da Silva - Especialização
 Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado
 Rosani Gorete Feron - Especialização
 Valéria Raquel Bertotti - Mestrado
 Viviane Portella de Portella - Mestrado

Comissão Central de Programação Científica




Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente
 Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro
 Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro
 Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro
 Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro
 Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro
 Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro
 Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro
 Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas
Ana Célia Rodrigues - UFF
André Malverdes - UFES
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL
Aurora Leonor Freixo - UFBA
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas
Carla Mara da Silva Silva- UFAM
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq
Carlos Blaya Perez - UFSM
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG
Dhion Carlos Hedlund - FURG
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC
Eliandro dos Santos Costa - UEL
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM
Flávio Leal da Silva - UNIRIO
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Heloísa Liberalli Bellotto - USP
Janilton Fernandes Nunes - UFAM
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP
Josemar Henrique de Melo - UEPB
Julianne Teixeira e Silva - UFPB
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG
Marcieli Brondani de Souza - UFAM
Margarete Farias de Moraes - UFES
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL
Maria Leandra Bizello - UNESP
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES
Mateus de Moura Rodrigues - FURG
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL
Sérgio Renato Lampert - FURG
Sônia Elisabete Constante - UFSM
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP
Úrsula Blattmann - UFSC
Welder Antônio Silva - UFMG

Comissão de Apoio



Secretária

Melina Pereira

Comissão de Divulgação

Everton Tolves
Pâmela Menezes Flores
André Grendene Azevedo
Maria Eduarda Flores

Comissão de Transportes

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon
Comissão Artística
Arion Pilla

Comissão de Projetos

Jonas Ferrigolo Melo
Juliana Kirchhof
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados

Camila Medeiros
Tamiris Carvalho
Catiana Ramiro

Comissão de Infraestrutura

Adriéli Mello
Douglas Duarte

Editoração e Revisão

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



Associação dos Arquivistas do RS - AARS

Biênio 2013 - 2015

Diretoria

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

CONSELHO FISCAL - TITULARES

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



SUMÁRIO

Sobre o Evento.....	09
AARS.....	11
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	12
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	328
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	370
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	615
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	730
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	949
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	1121
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	1143
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	1168
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	1220

SOBRE O EVENTO

VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



COMUNICAÇÕES ORAIS

EIXO:

**EPISTEMOLOGIA DA
ARQUIVOLOGIA E
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL**

O PROFISSIONAL ARQUIVISTA COMO DOCENTE: CENÁRIO ATUAL E REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Aline Lima Abrão⁵⁶

Mariana Silva Rios⁵⁷

Katia Isabelli Melo de Souza⁵⁸

Resumo

As reflexões acerca da formação em Arquivologia enfatizam, via de regra, os currículos escolares. Entendendo que a formação é composta pela tríade professor/aluno/conhecimento, o presente artigo tem como diretriz de investigação o docente dos cursos das Universidades que possuem maior tradição na área de Arquivologia no Brasil sendo a Universidade Federal de Santa Maria, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa, utilizando-se do método de coleta de dados, desenhou um breve perfil dos docentes e buscou esclarecer a composição do cenário por trás do quadro de escassez de professores com formação na área. Com aplicação de variáveis quantitativas e qualitativas, indagou-se acerca das interferências na decisão da atuação do profissional arquivista na docência, o grau de satisfação, os fatores motivacionais, os obstáculos apresentados e a composição do corpo docente nos cursos. Os resultados indicam que os fatores que mais influenciaram na decisão de atuar como docente em Arquivologia foram a aptidão natural e as oportunidades que a ciência oferece como um campo de trabalho e pesquisa amplo e multidisciplinar.

Palavras-chave: Arquivista. Docente. Arquivologia. Formação

THE ARCHIVIST PROFESSIONAL AS A SCHOLAR: CONTEMPORARY SCENARIO AND REFLECTIONS

Abstract

Reflections regarding the academic background in Archivology emphasize, usually, school curricula. Considering that this background is constituted by the triad teacher/student/knowledge, this article uses as a research guideline the teacher of the courses with the longest tradition in the field of Archival Sciences in Brazil, namely the ones offered by *Universidade Federal de Santa Maria*, *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*, *Universidade de Brasília* and *Universidade Estadual de Londrina*. This research, using the data collection method, designed a brief profile of teachers and sought to clarify the causes of the shortage of qualified teachers in the field. Using qualitative and quantitative variables, the teachers were

⁵⁶ Acadêmica do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília (UnB). alinelimaabrao@gmail.com

⁵⁷ Acadêmica do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília (UnB). marianasrios@yahoo.com.br

⁵⁸ Professora Adjunta do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília (UnB). isabelli@unb.br (Orientadora).

asked about the factors that influenced the decision of becoming a teacher, how satisfied they were with that decision, motivational factors, the obstacles they had to overcome and the teaching staff. Results suggest that the key factors on the decision to become a teacher in archival sciences were the natural aptitude and the opportunities in a rich and multidisciplinary field of research and work.

Key-words: Archivist. Teacher. Archival Sciences. Academic Background.

1. Introdução

A aprendizagem, bem como a passagem de conhecimentos para outros indivíduos é uma prática antiga e tem início no próprio ambiente familiar, onde ensinamentos básicos para a sobrevivência e o desenvolvimento de um ser humano são transmitidos, como falar e andar. Porém, o “ensinar” como forma de profissão surgiu um pouco mais tarde, como afirma Penin (1980, p. 2): “a atividade de ensino é tão antiga quanto a vida humana, mas o professor somente apareceu como profissional do ensino há pouco mais de 300 anos, no século XVIII”. De acordo com o dicionário Aurélio a palavra docente tem o seguinte significado: “que ou quem ministra ensinamentos. Corpo docente ou os docentes, o conjunto de professores, dos mestres”.

Considera-se que o surgimento da profissão de docente, no Brasil, ocorreu com a chegada dos padres jesuítas. Estes, com o intuito de catequizar o povo já habitante da região, conseguiram estabelecer uma relação de hierarquia com seus alunos, no caso os catequizados. Porém a disciplina e a ordem que o professor nesta época impunha aos seus alunos, não eram os fatores determinantes para sua valorização. Ao serem considerados os únicos detentores do saber, eles tinham sua profissão engrandecida, já que não haviam outros métodos conhecidos a se buscar durante este aprendizado. E mesmo sofrendo algumas mudanças ao longo do tempo, a docência, ainda assim, continuava sendo respeitada e valorizada pela sociedade da época.

No cenário atual percebe-se o declínio do reconhecimento e prestígio da profissão. O professor, apesar de indispensável para a existência de todas as outras profissões (visto que sem ele não há transmissão de conhecimentos e experiências), não é valorizado pela sociedade. Para responder a essas demandas, esses profissionais têm buscado se adaptar a esse novo cenário, aprimorando os seus conhecimentos e a didática para disseminar o conteúdo da melhor maneira possível para a assimilação dos alunos.

Dentre outros fatores que contribuem para a desvalorização da profissão podemos citar a falta de reconhecimento por parte dos alunos e o fator salarial que, em alguns casos, é considerado o cerne da questão. Os professores, atualmente, não são devidamente remunerados, especialmente se levarmos em conta a responsabilidade e a quantidade de atribuições que lhes são conferidas.

Os professores não são valorizados socialmente como merecem, não estão nos noticiários da TV, vivem no anonimato da sala de aula, mas são os únicos que tem o poder de causar uma revolução social. Com uma das mãos eles escrevem na lousa, com a outra, movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude. Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre. (CURY *apud* MORAIS *et alli*, 2011, p. 1259).

Feitoza, Cornelsen e Valente (2007), utilizando a visão dos discentes, afirmam serem bons professores aqueles que têm domínio tanto na matéria ministrada em salas de aula quanto na própria área de atuação. Ademais de dedicação e empatia pela área, ter segurança no momento de transmitir o conteúdo também é outro fator determinante para ser um bom professor. No entanto, é necessário muito mais para formar seus alunos, estando isto atrelado a diversos fatores, como a afinidade pela área ministrada.

Entendendo que a formação é composta pela tríade professor/aluno/conhecimento, na qual é “no aluno que se concretiza a aprendizagem, os conhecimentos é que constituem o objeto de aprendizagem e o professor é aquele que favorece, pelo ensino, a aprendizagem dos alunos” (COLL *apud* BOLFERR, 2008), o presente artigo tem como diretriz de investigação o docente dos cursos das Universidades que possuem maior tradição na área de Arquivologia no Brasil⁵⁹. Buscando esclarecer a composição do cenário por trás do quadro da escassez de professores na área e estudar os fatores motivacionais associados à docência apresentar-se-á a perspectiva do corpo de professores dos cursos dessas Universidades. Inicialmente, as quatro instituições de ensino superior a ministrarem curso de Arquivologia seriam o nosso universo de estudo, sendo elas, respectivamente, a Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (1976), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO (1977), a Universidade Federal Fluminense, UFF (1978) e a Universidade de Brasília, UnB (1990). A ausência de dados sobre o quadro de professores que constituem o curso de

⁵⁹A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da disciplina Seminário em Arquivística 1, do curso de Arquivologia da UnB, que abordou a temática da visibilidade do arquivista.

Arquivologia da UFF, mesmo após entrarmos em contato com a instituição solicitando mais informações, levou-nos a estender nosso escopo e incluir a Universidade Estadual de Londrina, UEL (1997), quinta instituição a oferecer o curso de Arquivologia no país. Dessa forma, o nosso universo de estudo fica delimitado às universidades UFSM, UNIRIO, UnB e UEL.

Esta pesquisa abordará o cenário destas universidades que formam profissionais arquivistas, voltando-se em particular para a composição do corpo docente e os fatores que podem influenciar no interesse e desinteresse dos profissionais (inclusive vindos de outra área do saber) pela docência em Arquivologia.

2. Metodologia

Para a consecução da pesquisa utilizou-se o método de coleta de dados, adotando como instrumento um questionário semiestruturado composto por sete blocos. Buscou-se determinar o perfil atual dos professores de Arquivologia e os fatores atrativos ou dificultadores que podem influenciar nessa atuação, tais como, razão pela qual decidiu ser docente, satisfação da docência em diversos aspectos, fatores motivacionais da docência, principais desafios e opinião sobre a atuação de profissionais com outra formação acadêmica.

Na obtenção dos endereços eletrônicos do universo a ser pesquisado para o envio do questionário, preliminarmente foi realizada uma pesquisa nas páginas Web dos cursos de Arquivologia⁶⁰. Cientes da possibilidade de informações desatualizadas nas páginas Web, inserimos uma solicitação no questionário indicando a vinculação, ou não, do respondente no corpo docente da referida instituição a fim de que pudéssemos atualizar os nossos dados⁶¹. De posse dos contatos, o questionário foi enviado aos docentes das universidades indicadas adotando, em sua maioria, o endereço eletrônico disponível na Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Pesquisa, CNPq (www.lattes.cnpq.br).

⁶⁰ No caso específico da UFSM, os dados foram obtidos diretamente com a coordenadora do curso, Prof^a Rosanara Pacheco, via correio eletrônico.

⁶¹ Obtivemos três atualizações sendo de um professor da UnB informando não atuar mais na docência e dois professores da UEL, um por não possuir currículo Lattes e, conseqüentemente, não podermos contatá-lo nem verificar sua formação e o outro por não mais atuar na instituição.

3. O delinear da docência em Arquivologia

O Arquivo Nacional foi a primeira instituição a ministrar cursos capacitando profissionais para a área da Arquivologia. Esses cursos ofereciam as disciplinas de história, paleografia, arqueologia, diplomática entre outras. Percebe-se, dessa forma, que o curso de Arquivologia estava vinculado à história e à memória social, inicialmente por interferência destas disciplinas, mas, sobretudo por se pensar em Arquivologia como uma área de guarda e conservação de documentos. Souza, (2011, p. 85) afirma que “os primeiros cursos de formação nasceram com uma visão para os arquivos de caráter permanente, seguindo a tradição europeia.” Hoje, no entanto, temos os cursos mais expansivos, voltados para a documentação desde sua criação até sua destinação final, direcionados também a ensinar a gerenciar esta informação orgânica registrada em vários suportes, inclusive o digital.

Ao se referir à Arquivologia como curso superior no Brasil, temos por base o ano de 1972, com o surgimento da Escola Superior de Arquivologia e os cursos ministrados pela UNIRIO, como o Curso Permanente de Arquivos que, em 1973, recebeu mandato universitário (SOUZA, 2011). Mas foi somente no ano de 1976 que o curso de Arquivologia foi instituído com currículo adequado, estipulado pelo Conselho Federal de Educação (CFE) em 1974, e ofertado como curso superior pela UFSM.

Atualmente contamos com dezesseis instituições de ensino superior ministrando o curso superior em Arquivologia, espalhados em todas as regiões do Brasil. De acordo com a pesquisa realizada pela Prof^a Katia Isabelli Souza (2011), pôde-se constatar que a maioria dos arquivistas ingressa no mercado de trabalho atuando em órgãos públicos, ficando em segundo lugar a atuação em instituições privadas e uma pequena porcentagem em outros espaços de trabalho. Esta atuação, em sua maioria, se dá para o desenvolvimento de atividades como classificação de documentos, organização, avaliação, descrição e transferência, restando à docência a menor porcentagem de participação.

Para que sejam formados bons profissionais, de qualquer área, é importante que haja não somente interesse por parte dos discentes, mas também a transmissão do conhecimento por aqueles que já possuem um maior arcabouço de informações e que essa transmissão possa ser materializada por meio de estudos e práticas.

Em alguns cursos, é possível observar que ainda grande parte dos docentes de graduação tem formação em Biblioteconomia, mas essa situação vem sendo alterada. Existe, atualmente, um contingente significativo de professores com formação em outras áreas do conhecimento, compondo o corpo docente dos cursos de Arquivologia. Essa também é a realidade em termos de pós-graduação. A maioria dos docentes do curso direciona seus estudos para a área de Ciência da Informação, mas muitos estão se lançando em áreas como a Educação, a Administração e a História, entre outras. O universo de professores com experiências em diferentes áreas do conhecimento é interessante para a formação do arquivista. Porém, é fundamental também ter no quadro docente arquivistas, o que em alguns cursos não acontece. (CALDERON, 2011, p. 105).

Em relação à afirmação de Calderon, além dos docentes com formação em Biblioteconomia, há também uma grande incidência de professores graduados em História lecionando nos cursos de Arquivologia. Outra parcela possui graduação em áreas mais distintas como a Engenharia, Letras, etc., conforme demonstrado no decorrer da pesquisa. Outra constatação de Calderon assinala a necessidade de se discutir aspectos referentes à “qualidade do ensino oferecido”.

Entendemos que a pouca participação dos arquivistas na docência, apesar de se revelar como um cenário em mudança, deixa de contribuir com a expansão da arquivística, escusando-se de produzir pesquisas e outros materiais de relevância científica. Os profissionais dessa área que atuam em órgãos públicos ou empresas privadas preocupam-se em desempenhar bem suas atividades no local de trabalho, inclusive gerenciando todo um passivo documental, sendo que muitas vezes a produção de conhecimento para a área ocupa o segundo plano.

A UFSM foi fundada em 14 de dezembro de 1960, sendo pioneira no ensino superior da Arquivologia no Brasil. O curso de Arquivologia, por sua vez, foi criado em 1976, e teve seu primeiro quadro de professores composto por nove docentes. Em 1977 foi integrado ao Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas (CCJEA) que, posteriormente, viria a ser denominado Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). O curso de Arquivologia somente veio a integrar o Departamento de Documentação em 1978. Para a criação do curso de Arquivologia foi necessária a contribuição de professores de vários departamentos da UFSM e de professores convidados de outras instituições, situação recorrente em outros cursos criados posteriormente.

De acordo com os registros históricos, a compreensão do contexto de criação do curso de graduação em Arquivologia da UFSM revela que ele foi projetado para atender às solicitações do mercado de trabalho emergente do desenvolvimento socioeconômico e cultural em razão da crescente falta de profissionais habilitados para exercerem atividades técnicas e científicas

em arquivo. Com isso, professores do Departamento de História da UFSM, sensibilizados pela carência, na região, de pessoal habilitado tiveram um contato inicial com o arquivista e historiador José Pedro Pinto Esposel, professor da Universidade Federal Fluminense, que apoiou a iniciativa da criação de um curso de graduação em Arquivologia no Sul do país. (MARQUES, RONCAGLIO e RODRIGUES 2011, p.285).

No ano de 1977 eram oferecidas 25 vagas anuais e quatro modalidades de formação para os estudantes: arquivos empresariais, arquivos escolares, arquivos históricos e arquivos médicos. Atualmente o curso oferece 30 vagas e é ministrado em horário diurno, totalizando 2550 horas, proporcionando aos estudantes contato com laboratórios de Fotografia, Restauração de Documentos, Reprografia e Microfilmagem, e laboratório de Documentos Digitais. Para adequar-se às demandas das diferentes necessidades e mudanças da sociedade, a UFSM constantemente submete seu curso a revisões curriculares, tendo as realizado em 1980, 1984 e, finalmente em 1994, cujo modelo se encontra vigente até os dias de hoje.

No Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia da UFSM percebe-se também a definição de estratégias que destacam a importância da transmissão do conhecimento dos docentes, a qualificação e o aperfeiçoamento, e a renovação dos conhecimentos como um recurso essencial para provocar mudanças na realidade arquivística. O desenvolvimento de trabalhos em conjunto com áreas que possam agregar conhecimentos em prol do desenvolvimento científico e intelectual também é reconhecido.

A ênfase à interdisciplinaridade e ao trabalho multiprofissional implica na adoção de estratégias que levem ao desenvolvimento de trabalho em grupo de diferentes áreas do conhecimento que possuam afinidades e interesses comuns, na busca da melhoria do ensino. Esta interdisciplinaridade pressupõe mudança de atitude, ou seja, a substituição de uma concepção global do ser humano, criando uma integração de conhecimento. (Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia - Estratégias pedagógicas 1).

E, apesar de reconhecer a importância da interdisciplinaridade, a UFSM, em seu projeto político-pedagógico, aponta uma projeção decidida e audaciosa da Arquivologia ao afirmar que:

A Arquivologia, diante dessa realidade, busca, cada vez, mais, afirmar-se como ciência independente e não subordinada à História ou à Administração, através do desenvolvimento teórico e prático simultâneo da disciplina, procurando romper o pragmatismo predominante na arquivística tradicional, dando ênfase especial à pesquisa e ao desenvolvimento da ciência arquivística. (Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia, p.2)

Ciente das transformações, tanto da arquivística quanto das demais áreas do conhecimento, da disseminação das informações e do constante aperfeiçoamento das novas tecnologias da informação, a UFSM afirma ser necessário que a Arquivologia, e demais áreas, revejam seus paradigmas e métodos de trabalho. Seu corpo docente é composto, majoritariamente, por profissionais com formação em Arquivologia.

Já a UNIRIO teve sua origem em 1969 com a denominação de Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG). Em 1975, a FEFIEG passou a denominar-se Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ). Dois anos mais tarde, foram incorporados à FEFIERJ o Curso Permanente de Arquivo (do Arquivo Nacional) e o Curso de Museus (do Museu Histórico Nacional). Em 5 de junho de 1979, pela Lei nº 6.555, a FEFIERJ foi institucionalizada com o nome de Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). E, em 24 de outubro de 2003, a Lei nº 10.750 alterou o nome da Universidade para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mas a sigla foi mantida.

O Curso de Arquivologia foi implantado na UNIRIO ainda quando esta ainda era denominada FEFIERJ, em 1977, tendo seu funcionamento nas dependências do Arquivo Nacional. Atualmente, a Escola de Arquivologia encontra-se vinculada ao Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO na qual possui, de acordo com a página Web da universidade, aproximadamente, 23 docentes. Tal como a UFSM, a maior parcela do corpo docente é constituída por docentes com formação em Arquivologia.

Na região centro-oeste, a UnB foi inaugurada em 1962, quando a capital completava dois anos de existência. A Universidade foi idealizada por pessoas renomadas, tendo como princípio norteador unir a mais nova tecnologia da época com o ensino superior para fomentar o desenvolvimento do país. A UnB iniciou suas atividades com poucos cursos, chamados de “cursos troncos”, sendo eles Direito, Administração e Economia, Letras Brasileiras e Arquitetura e Urbanismo. Ao longo do tempo a Universidade abriu espaço e começou a ofertar novos cursos.

O curso de Arquivologia foi implantado quase três décadas depois da inauguração da Universidade. Primeiramente foi vinculado ao Departamento de História e Geografia e, em 1990, foi vinculado ao Departamento de Biblioteconomia (SOUZA, 2011). Atualmente, faz parte da Faculdade de Ciência da Informação, que integra os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Diferindo das

instituições mencionadas anteriormente, a UnB conta somente com três professores com formação em Arquivologia.

No Paraná, o curso de Arquivologia da UEL foi implantado em 1998, em uma parceria do então Departamento de Biblioteconomia com o Departamento de História. Atualmente, o curso de Arquivologia faz parte do Departamento de Ciência da Informação que, por sua vez, está vinculado ao Centro de Educação, Comunicação e Artes. Pesquisas de Souza (2011) e Marques; Roncaglio e Rodrigues (2011, p.155) afirmam que a criação do curso foi o resultado de criteriosas pesquisas de mercado e clientela, e que, desde a sua gênese, traz em seu bojo o caráter multidisciplinar que o caracteriza até hoje. Após seis anos de atuação do curso, sua matriz curricular sofreu sua última alteração em 2005.

O curso prevê em suas diretrizes o contínuo aperfeiçoamento e a atualização dos profissionais da área a fim de atender às crescentes demandas de acesso à informação e a construção um currículo de natureza interdisciplinar, de modo a suprir as demandas de uma realidade heterogênea. Além da ênfase especial à formação científica do estudante, articulada com a extensão e às novas tecnologias, não se restringindo a uma profissionalização estrita e especializada, mas também voltada para soluções de problemas profissionais com habilidade e criatividade. Três docentes possuem formação em Arquivologia.

4. Desvendando o universo dos docentes

A partir das informações coletadas nas páginas Web das Universidades sobre o quadro de professores e a pesquisa na Plataforma Lattes, pudemos estabelecer o quantitativo de docentes que possuíam formação em Arquivologia. Esses dados serão o cerne do nosso estudo, pois, através deles poderemos compreender qual é a representação do quadro docente nos cursos de Arquivologia atualmente, se há escassez ou desinteresse dos arquivistas em atuar na docência e quais os fatores que estimulam profissionais com formação em outras áreas a atuarem como professores de Arquivologia.

O resultado aponta uma enorme diferença desse comparativo entre as quatro instituições estudadas. As duas primeiras universidades (UFMS e UNIRIO) possuem uma composição quase absoluta de professores com graduação em Arquivologia. Em contraposição, a composição da UnB e UEL possui, em sua maioria, professores

com formação acadêmica diversificada, tais como Biblioteconomia, Sociologia, Engenharia de Sistemas, Geografia, entre outros.

Nas quatro instituições estudadas foi identificado e contatado o total de 65 docentes. Desse total, contabilizamos aqueles que responderam à nossa solicitação, seja para responder ao questionário ou informando que não possuía mais vínculo com a instituição. Para tornar a análise do nosso questionário mais precisa procuramos identificar dentre o total de respondentes, quantos deles possuíam formação em Arquivologia. Na UFSM foram contatados 11 docentes e destes, quatro responderam à pesquisa (todos arquivistas); na UNIRIO contatamos 15 professores e obtivemos quatro respostas (todos arquivistas); na UnB, dos 15 professores contatados, oito responderam à pesquisa, sendo, dois arquivistas e seis profissionais com outra formação; dos 27 docentes contatados na UEL, quatro responderam (dois arquivistas, um bibliotecário e um deles informou não atuar mais como docente). Dessa forma, o total da nossa amostra corresponde a 19 professores, distribuídos da seguinte maneira: 12 docentes com formação em Arquivologia e sete com outra formação.

No primeiro item do questionário buscamos delimitar a faixa etária apresentada entre docentes. Do universo de 19 professores entrevistados, 32% deles possuem 50 anos ou mais. Pertencentes à faixa de 40 a 49 anos identificamos o maior percentual, 53%, sendo que até 39 anos foram identificados apenas 15% dos docentes.

Um dos quesitos abordados que contribui para o desenho do perfil dos docentes refere-se ao gênero que, segundo os percentuais apresentados, revelam pouca discrepância. Com uma pequena margem de diferença nos resultados, o gênero feminino foi indicado por 55% em relação a 45% do gênero masculino.

A terceira questão, de caráter subjetivo, procurou compreender os motivos pelo qual o profissional elegeu a docência como campo de atuação no mercado de trabalho. Analisamos as questões e identificamos nos depoimentos aqueles que, de alguma maneira, já pensavam em atuar na docência, representados por 74%, e aqueles que acabaram por descobrir o ofício de professor, 26%. A maioria dos respondentes já se sentia atraída de alguma maneira a serem educadores. Fatores pessoais como “gostar de ensinar” aparecem entre as respostas obtidas com maior frequência. Na sequência, circunstâncias inerentes às atividades da profissão tais como “aprender sempre”, ou ainda, “trabalhar com pesquisa” foram comuns nas argumentações.

Para melhor ilustrar a nossa análise apresentaremos alguns excertos dos depoimentos apresentados ao questionário, mantendo-se as falas na íntegra. Alguns dados como o vínculo institucional ou o nome das pessoas envolvidas nos testemunhos foram omitidos para resguardar a privacidade dos colaboradores.

Depoimentos dos docentes que já pensavam em atuar:

No período de minha formação tive uma professora dedicada que influenciou significativamente no meu aprendizado. Posteriormente, já atuando na área, surgiu um concurso para docente e me submeti na tentativa de contribuir com a área que tanto amo.

Escolhi ser professor por vários motivos, mas o principal de todos é a oportunidade que a carreira oferece de sempre estar aprendendo, desde a própria sala de aula, local de constante obtenção de novas visões e elaboração de discussões positivas para a área, bem como a necessidade de estar sempre desenvolvendo novas pesquisas visando aprimorar a nossa área de conhecimento para a melhor qualificação dos futuros arquivistas e assim melhorar as teorias para o melhor atendimento do mercado, motivando a evolução da sociedade sem destruir o nosso meio ambiente.

Minha opção pela docência foi o resultado de uma proposta política iniciada no final dos anos 1980... Nesse processo de formação me deparei com ainda hoje atual invisibilidade social dos arquivos e dos arquivistas. A soma desse conjunto de fatores me permitiu estabelecer uma proposta ideológica que poderia ser levado a efeito a partir da prática docente em Arquivologia, que já cursava na Universidade.

Sempre fui fascinado pela docência, pelo exercício de aprender antes e ensinar depois, mas aprender diferente, mais profundo, não preocupado em aprender só por fazer depois, mas aprender preocupado com a formação, com a liberdade da formação, dos múltiplos referenciais, com as dificuldades, com as minúcias da docência e a retribuição de ver mentalmente o comparativo entre um aluno recém ingressante e um egresso formado e inserido na sociedade.

Em relação àqueles que não pensavam em lecionar, ou seja, abraçaram a docência posteriormente, os dados revelam que para a maioria deles a Arquivologia surgiu como uma inesperada oportunidade profissional e que, aparentemente, levou ao despertar da vocação de mestre. Algumas das razões apresentadas para atuar na docência foram a substituição temporária de professor e a oportunidade apresentada no mercado de trabalho.

Depoimentos dos docentes que não pensavam em atuar:

Estava trabalhando na área (...) tinha experiência em trabalhos arquivísticos e vontade de discutir essa experiência. Surgiu a oportunidade com a criação do curso de Arquivologia na Universidade e aproveitei.

Já trabalhava na Universidade e ao substituir um docente percebi que gostava da atividade. Pouco tempo depois houve um concurso para professor onde fui aprovado.

Na realidade logo que me formei em Arquivologia não pensava em ser docente. Fui trabalhar como arquivista, por alguns anos em instituições públicas e privadas. Posteriormente me tornei docente e definitivamente pela questão da dedicação exclusiva e também para não ser concorrente de meus ex-alunos nunca mais atuei na área, me dedicando ao meu aperfeiçoamento para a docência.

O interesse na docência surgiu no início da atividade profissional, logo após a graduação. Minha primeira atividade profissional foi na Universidade, portanto em um ambiente impregnado de inovações e de profissionais que valorizam acima de tudo a transmissão do conhecimento. Certamente, tal experiência foi decisiva para despertar o desejo de ingressar na Universidade, tanto para realizar o ensino, como a pesquisa.

Um item do questionário aferiu o grau de satisfação do docente em relação a diversos fatores que podem interferir no exercício da sua profissão sendo remuneração, envolvimento dos discentes com o curso/disciplina, qualidade do ambiente de trabalho, desenvolvimento de atividades extraclasse, reconhecimento profissional perante a sociedade e fatores motivacionais.

A análise isolada dos resultados apresentados pelos docentes da UnB indica que nenhum dos entrevistados afirma estar “muito satisfeito” com o seu salário sendo que o maior percentual, 50%, revela-se “insatisfeito” com a remuneração. Apenas 25% dos professores afirmaram estar “satisfeito” e o mesmo percentual mostrou-se indiferente à influência da remuneração na sua profissão. Contrapondo-se a esses valores, o índice geral de 42% dos professores revela-se “satisfeito” com a remuneração. Com relação aos demais índices, 27% apresentou “insatisfação” e 21% revelaram-se neutros acerca deste quesito. Tal resultado contesta com o cenário já tão conhecido de insuficiência e insatisfação financeira entre os educadores.

Um dos fatores de estímulo presente na docência é o grau de interesse dos alunos. O envolvimento do educando pode tornar a profissão mais gratificante, estimulante e proporcionar uma troca intelectual interessante para ambas as partes envolvidas. Como resultado geral obtivemos um panorama de satisfação dos professores com os alunos de Arquivologia. Um professor, inclusive, acrescentou livremente à avaliação estar “completamente satisfeito” com o envolvimento dos seus alunos. Além desse resultado positivo atestamos que outros 57% dos professores também se revelaram “satisfeitos” com os estudantes. Contudo, 24% dos professores se mostraram descontentes com a participação dos alunos no curso.

No quesito qualidade do ambiente avaliamos como as condições do ambiente no qual os professores desempenham suas atividades podem interferir na sua percepção de satisfação profissional. Mais da metade, 52% dos respondentes, apontaram certo grau de satisfação em relação à qualidade do ambiente. Entre os insatisfeitos, que totalizou 32%, alguns professores apontaram, além dos espaços físicos inadequados, as relações humanas como fator de desprazer na profissão atualmente.

O objetivo do item referente ao desenvolvimento de atividades extraclasse foi compreender como se dá, atualmente, o acesso a laboratórios, visitas técnicas e outras atividades necessárias a uma melhor explanação e desenvolvimento do conteúdo ministrado pelo professor. Fatores como esses estimulam e afetam a percepção dos alunos sobre o exercício da profissão. Na análise, o grau de “muita insatisfação” com a possibilidade de desenvolvimento de atividades práticas obteve 22%. O grau de “insatisfação” também foi consideravelmente elevado, 17%, totalizando em sua soma 39% de profissionais descontentes. Contudo, os professores “satisfeitos” contabilizam 44% do resultado geral. Dentre as instituições estudadas, constatou-se que algumas universidades não possuem laboratórios para a prática arquivística, diferentemente da UFSM, que oferece para seus estudantes quatro espaços de atividades práticas: Laboratório de Fotografia, Restauração de Documentos, Reprografia e Microfilmagem, e Laboratório de Documentos Digitais. Conseqüentemente, o grau de satisfação entre os docentes da UFSM com o desenvolvimento de atividades práticas apresenta 75% de avaliações positivas na escala de contentamento.

O reconhecimento profissional é um dos fatores a serem considerados na trajetória de qualquer carreira. Para aqueles que atuam como docentes no curso de Arquivologia essa manifestação de apreço é frequentemente ignorada, devido à falta de conhecimento da sociedade acerca das atividades do campo da Arquivologia. A maior parte dos docentes, 47%, revelou estar “insatisfeito” com o reconhecimento profissional enquanto que 42% estão “satisfeitos” e 11% posicionaram-se como “neutros”.

Uma questão objetiva do instrumento de pesquisa adotado abordou os fatores motivacionais na atuação dos docentes dos cursos de Arquivologia. O principal resultado aponta a ampla área de atuação no mercado de trabalho. Como formadores dos profissionais arquivistas, os professores declararam estar em permanente contato com diversas áreas de especialização, o que torna o exercício

da profissão encorajador. O segundo indicador mais apontado faz menção à realização pessoal, em atuar no que gosta, o que confirma que a maioria dos docentes atua por aptidão, mantendo-se naturalmente motivado no seu ofício. Outro fator importante a ser considerado foi o interesse demonstrado por “alguns alunos”, o que torna o exercício da docência gratificante.

Depoimentos dos fatores motivacionais:

A docência em si é um estímulo. Possibilitar a formação de profissionais que irão atuar em diversas áreas é enriquecedor. Destaco também, que o processo de ensino-aprendizagem requer uma troca constante entre docente e discente, e isto não deve ser perdido, o docente tem que estar em constante busca de atualização. A sociedade necessita de arquivistas comprometidos socialmente e poder participar da formação deste profissional é um desafio que assumi para a minha vida profissional.

Sem dúvida alguma, o corpo discente. Já tive vontade de desistir mas alguns alunos fazem valer a pena todo o esforço.

Como docente efetivo de uma instituição de ensino posso escolher a temática de pesquisa a qual me dedico. Este é o ponto que mais me motiva a permanecer na carreira docente. Pesquisar, produzir conhecimento sobre determinado assunto e utilizar esse conhecimento no ensino, nas disciplinas que ministro, nas orientações que faço, seja de iniciação científica, de TCC ou de mestrado, me fascina.

Acredito que é ver nossos ex-alunos fazendo sucesso na profissão.

Eu imagino que seja a liberdade do perfil da formação do arquivista, a liberdade que a Arquivologia dá para o ingressante ao permitir que este potencialize suas inquietudes e possa se especializar, ou se dedicar à Fotografia, à Paleografia, à Diplomática, ao Direito, à História, à Gestão Digital, à Administração, etc... essa liberdade é importantíssima e rica, libertadora e imagino que seja isso que encante tanto os acadêmicos como os docentes que vem para a Arquivologia.

Primeiramente o apoio da instituição de ensino, e conseqüentemente, do Departamento e colegiado é fundamental. Observo também que, o aluno estando com mais tempo disponível para os estudos consegue melhor aproveitar as aulas. A exigência sobre os fatores técnicos de cada área durante uma graduação, em muitos casos, acaba transmitindo aos alunos (por reflexo para o mercado) uma visão muito tecnicista do exercício da profissão, tendo-se por base que a técnica não permitiria tomar quaisquer decisões fora de um padrão preconcebido, por conseqüência, formando arquivistas mais tecnicistas e menos gestores ou intelectuais para o desenvolvimento da área e do mercado.

Uma elevada preocupação dos governos com números para impactarem nos indicadores da educação, desqualifica a formação de pensadores, os quais têm sido desenvolvidos em muitos casos, sob personalidades de pessoas que quiseram sair do sistema, quebrar os padrões, promovendo melhor a inovação e a visão competitiva diante dos desafios do mercado. Dessa forma, o maior motivador acaba se tornando o próprio mercado, que não se apresenta igual, único, está em constante mudança, necessitando uma visão muito mais sistêmica e ampla do profissional, exigindo das academias uma constante melhoria por melhores matrizes curriculares que consigam cumprir com a satisfação do mercado. No caso da Arquivologia, isso é bem relevante, considerando as atividades que foram incluídas na

gestão dos documentos contemporâneos que o arquivista não está dando conta de trabalhar (XML, RDF, Big Data, Cloud Computing, etc...), fazendo o mesmo buscar por outros profissionais, terceirizando as suas funções e tirando ainda mais a visibilidade do arquivista nesse contexto.

Os maiores obstáculos identificados no exercício da profissão referem-se ao excesso de carga de trabalho e a falta de reconhecimento da profissão perante a sociedade. Nesse cenário de muito esforço e pouco reconhecimento, o docente em Arquivologia ainda enfrenta o panorama do pouco interesse dos alunos e o “perfil concursado” atrelado à finalidade da formação dos discentes. O perfil desses estudantes na graduação não se direciona para a atuação na área de pesquisa, docência ou especialização, mas para o objetivo de ingressar no serviço público. Dentre os docentes mais desmotivados em relação ao interesse dos alunos, metade deles é da Universidade de Brasília. A outra metade é composta por professores da UFSM e UNIRIO.

Depoimentos dos obstáculos no exercício da docência:

Há vários obstáculos, vou mencionar apenas dois que considero mais difíceis de contornar. O primeiro é o próprio “perfil concursado” do corpo docente: grande parte dos alunos é de jovens que nunca trabalharam, o que já torna o curso um tanto abstrato para eles. Mas, além disso, muitos alunos se mostram desinteressados e pouco participativos, e parecem não estar preocupados com sua qualidade como profissional no futuro; tratam o curso como uma formalidade que ‘empurram com a barriga’ e não como oportunidade para de fato aperfeiçoar sua formação. A estrutura curricular inadequada e a falta de ‘laboratórios’ gera ainda, a dificuldade em fazer exercícios práticos que são fundamentais em uma área técnica; talvez essa questão ajudasse a diminuir o problema. O segundo obstáculos é a própria dinâmica da área de hoje, que faz com que os professores percam muito tempo em energia e reuniões inúteis e em embates desnecessários.

A pouca participação do docente nas políticas arquivísticas do país, podendo vir a ter um número maior de representantes dos docentes dos cursos de Arquivologia, que hoje somam cerca de 17 cursos, no Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ; a falta de uma harmonização nos currículos dos cursos de Arquivologia; a busca efetiva de um diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento no conteúdo das disciplinas a serem ministradas, sem perder as características fundamentais do corpo teórico da Arquivologia.

A desvalorização do curso, pelo menos na minha instituição, o curso fica alocado no mesmo departamento do curso de biblioteconomia, bem mais antigo e a maior parte do corpo docente efetivo é de formação bibliotecária e não dá a devida atenção ao curso de Arquivologia.

As instalações e equipamentos no ambiente da Universidade. Desde a falta de estacionamento, de mesa e cadeira para o professor, até equipamentos eletrônicos em sala de aula. Outro aspecto são essas greves contraproducentes e que tornam os semestres verdadeiras obras de ficção. Como visto, não são problemas da Arquivologia, mas da Universidade com um todo.

Sem ignorar questões estruturais que predominam em minha instituição, e o perfil predominante dos alunos que não vem a leitura de textos como algo fundamental, minha leitura é a de que uma parte significativa dos meus esforços está direcionada para desnaturalizar a visão distorcida sobre o que é arquivo; a maior parte dos alunos não tem a menor ideia do que seja ou para que serve o arquivo; não reconhecendo minimamente suas dimensões políticas e sociais da Arquivologia, não veem razões suficientes para investirem em uma formação que não lhe darão status social.

Não se trata exclusivamente do professor de Arquivologia. O professor universitário, além de dar aula, ele as prepara, corrige exercícios, lida com uma série de coisas relacionadas ao estar em sala de aula. Além disso, precisa administrar a universidade, aceitar cargos de chefia, fazer coisas que um secretário deveria fazer, pois não há preparo de recursos humanos na universidade; participar de inúmeras comissões e órgãos colegiados; ser membro de bancas de concurso público e de avaliação dos pares. Se atua na pós-graduação, precisa dar aulas para um nível ainda superior à graduação, com exigências também superiores; precisa orientar, publicar em quantidade e com qualidade, participar de inúmeras bancas de defesa de vários níveis. Enfim, tudo isso representa um obstáculo quando percebemos nosso salário e o comportamento dos alunos em sala de aula.

Pouca sintonia entre os pares. Como em diversas áreas a docência acaba sendo um espaço onde se exerce a massagem do ego, ocorrendo até assédio moral. Tais situações acabam por prejudicar o curso.

Os professores são cobrados de forma ininterrupta por maior titulação; desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão; produção na pós-graduação; produção de artigos para publicação em revistas classificadas pela Capes como Qualis A1... Já não lembro mais como é chegar em casa e descansar, de não ter artigo para ler, prova para corrigir, parecer para elaborar...

A falta de cursos de Arquivologia no Brasil, que reduz as trocas de experiências, limita a oferta de divulgação científica e dificulta o avanço em várias áreas periféricas da Arquivologia.

Buscamos identificar se a composição do corpo docente dos cursos de Arquivologia deveria ser preferencial àqueles com graduação na área e porquê. Segundo a particularidade na constituição dos cursos de Arquivologia das Universidades estudadas e a composição variada dos corpos docentes, composta de maneira quase exclusivamente por arquivistas e outros quase exclusivamente por profissionais de outras áreas, apresentaremos as diferentes perspectivas de vantagens, desvantagens, comprometimentos e contribuições para os cursos de Arquivologia em ter em sua composição um corpo docente uniforme ou miscigenado.

Com uma pequena diferença de resultado, 53% dos respondentes dos cursos acreditam que o corpo docente dos cursos de Arquivologia não deveria ser composto preferencialmente por educadores com graduação em Arquivologia e 47% dos entrevistados acredita que deve ser atendido pelos arquivistas. Os professores que discordam do quesito apontam como principais fatores a possibilidade de

“enriquecimento” com a contribuição dos profissionais de outras áreas atuando na docência.

Depoimentos dos que não concordam com a docência exclusiva:

A docência é uma consequência ou até o resultado de uma conjuntura, mas não deveria ser o objetivo final da formação do futuro arquivista.

Não. A pós-graduação, que é um caminho natural para a formação de docentes para o ensino superior, não faz essa exigência. A possibilidade de ter profissionais de formações diferentes enriquece o curso.

Vejo que não seria necessário que se torne preferencial, pois se formos condicionar os alunos a terem que fazer pós-graduação para qualificarem para dar as aulas, seria mais relevante darmos disciplinas de didática e instrumentação pedagógica nas graduações em Arquivologia, as quais nem sempre se aplicam para melhorar as aulas, mas ajudam para os que não tem por vocação ser um pessoa que gosta de transmitir o conhecimento. Deveria ser tratada como nas demais áreas, onde deixa-se esclarecida o que é a pesquisa e a docência em Arquivologia e seu vínculo com a ciência da informação, e ao mesmo tempo esclarecendo sobre as possibilidades do arquivista no mercado, desde franquias a consultorias, o empreendedorismo para o arquivista. Então, não precisaria ser preferencial, mas deixar claro que ambas (docência e o arquivista) precisam atuar em conjunto para melhor a Arquivologia diante dos novos desafios do mercado.

Não concordo! Há mercado tanto para Arquivistas docentes quanto para arquivistas técnicos e um mercado muito carente de bons profissionais. Cada um tem que escolher o melhor caminho a seguir e segui-lo da melhor forma possível, com ética, comprometimento sério com a sua atuação.

Não. Acredito que a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade podem contribuir significativamente para o avanço de todas as áreas do conhecimento. Evidentemente, há de existir um núcleo central com formação específica da área, para que as demais compreendam a área, e possam melhor contribuir.

Dentre os professores que concordam que a composição dos cursos tenha docentes com formação em Arquivologia, a maioria afirma que, dessa forma, haveria uma maior valorização do profissional e da área, já que em outros cursos o corpo docente é formado por professores com graduação específica. Outros entendem que professores graduados em Arquivologia implicam em maior experiência e vivência na área para transmitir conhecimentos específicos aos alunos.

Depoimentos dos que concordam com a docência exclusiva:

Concordo plenamente. Acho muito estranho que o Curso de Arquivologia no cenário brasileiro ainda se permita - seus pares - que um curso exista sem nenhum bacharel em Arquivologia. É no mínimo muito estranho e denota alguma reserva de mercado às avessas, onde o profissional egresso, bacharel em Arquivologia, ainda sem titulação de Doutorado, mas com uma qualificação de alto nível oriunda de graduação, é deixado de lado. Imagino que isso deva mudar com o tempo, mas existe sim um silêncio sobre isso e

muitos pares da área sequer querem entrar nesta discussão, algo que poderia despertar algum desconforto que hoje é necessário e fundamental.

Acho que a docência deveria ser preferencialmente exercida por profissionais com formação em Arquivologia, pois isto irá evidenciar a competência dos profissionais arquivistas, e ajudar na consolidação do pensar e do fazer arquivísticos. Faz-se necessário que o arquivista e o docente tenham uma cultura geral e de sua área específica de forma consistente. Os docentes da área devem manter também uma certa homogeneidade na definição e aplicação dos objetos da Arquivística, dos princípios, da metodologia, dos termos, dos conceitos, da terminologia; enfim da epistemologia do seu campo de atuação, e até da forma didática de trabalho, como já o fazem docentes de outras áreas do conhecimento. Porém, destaca-se que não quer dizer que o docente não possa ter pós-graduação em outras áreas afins, como em outros campos do conhecimento citados acima.

Sou defensor de que nos DEPARTAMENTOS DE ARQUIVOS devemos ter prioritariamente Arquivistas. Não podemos ignorar o fato de que as estruturas universitárias facilitam ou dificultam essa possibilidade, mas não é possível termos um curso de Arquivologia onde não há arquivista; Em que outra formação universitária encontramos essa realidade? Onde temos um curso de História sem historiador? De Medicina sem médico? De Física sem físico? Temos muitos docentes que nunca viram um arquivo! Nunca participaram de atividades de organização dos arquivos; Como ensinar a alguém a fazer algo da qual você não sabe fazer? Isso não significa uma tecnicidade, nem o desprezo por outras disciplinas. Essas outras leituras serão dadas a partir dos demais docentes dos outros departamentos. Sem eles nossa formação será sempre incompleta.

Sim, com certeza. Fala-se em ensino multidisciplinar mas quando realizamos uma analogia com a Biblioteconomia, que atua em todas as áreas do conhecimento, percebemos que os docentes possuem a formação específica.

Sim, o corpo docente deveria ter a maioria de professores com formação em Arquivologia, assim como todos os cursos tem a composição de seu corpo docente formada por maioria de profissionais da área.

Acho importante que parte dos professores tenha graduação em Arquivologia; acho fundamental que todos, ou quase todos os professores tenham algum tipo de formação na área (fora graduação) e experiência em arquivos; acho, ainda, que seria muito prejudicial à formação dos alunos se o corpo docente fosse formado exclusivamente por pessoas graduadas em Arquivologia. A diversidade de formações básicas (história, administração, tecnologias etc), desde que a pessoa tenha, de fato, conhecimento e experiência na área, enriquece a formação dos alunos, permitindo aprofundar certos temas, ampliar o leque de experiências, apresentar o ponto de vista de outros profissionais com quem o arquivista precisa aprender a trabalhar, etc.

Conclusão

Em um cenário onde a grade curricular de determinados cursos de Arquivologia está em processo de reformulação, analisar a ação de um dos atores da tríade professor/aluno/conhecimento contribui para um melhor entendimento

desse profissional, o docente. A primeira reflexão sobre esses questionamentos reside no fato de que a experiência dos professores da área, que possuem em média 41 a 50 anos, deve estar associada a despertar nos discentes o interesse por novos conhecimentos, pelo aprimoramento da prática por pesquisas na área e pela vocação em lecionar. Apesar da carência de profissionais e cientes que o exercício da docência foi apontado como uma vocação natural podemos afirmar que a presente pesquisa nos revelou um cenário relativamente positivo em relação ao futuro do ensino de Arquivologia.

No universo pesquisado, dentre os 19 entrevistados, 12 eram arquivistas, e destes, apenas dois respondentes não possuíam, inicialmente, interesse ou encanto pela docência. No entanto, concluímos que a maioria dos arquivistas, dez profissionais, já revelava a admiração e o desejo de lecionar. Compreendemos que os fatores que mais influenciaram na possível decisão de atuar como docente em Arquivologia foram a aptidão natural e as oportunidades que a ciência oferece como um campo de trabalho e pesquisa amplo e multidisciplinar.

Ao mesmo tempo em que a multidisciplinaridade se apresenta como a peça chave na gênese da Arquivologia, ela também é vista como o maior ponto de debate para o crescimento da área. Constatamos que, independentemente da formação do professor e, mesmo com a atual composição heterogênea do corpo docente, de modo geral, a divisão de opiniões sobre a preferência de arquivistas lecionando nos respectivos departamentos converge no reconhecimento que a multidisciplinaridade é parte relevante e indissociável da Arquivologia. O desafio para a consolidação e progressão da profissão consiste em alcançar o equilíbrio entre preservar e fomentar essa troca de conhecimento entre as disciplinas, sem, no entanto, permitir que a multidisciplinaridade possa “canibalizar” a Arquivologia.

Outros fatores a serem considerados são os obstáculos apontados pelos professores que revelam uma tríade a ser revertida: a falta de reconhecimento da profissão, a falta de condições práticas e o desinteresse dos alunos. Fatores que parecem estar intimamente ligados à desvalorização desses profissionais e da ciência arquivística como um todo. A síntese desse quadro é composta pela falta de laboratórios onde os professores possam demonstrar suas habilidades aos alunos, a falta de aplicabilidade dos conhecimentos transmitidos pelos docentes em contextos da vida real e o currículo acadêmico, que não se propõe a acompanhar e pesquisar reais soluções para os desafios que a ciência da informação enfrenta, tornando a atividade do docente desimportante e maçante. A ausência dessas conexões

intelectuais faz com que a maioria dos alunos conclua a graduação sem descobrir suas aptidões e interesses na área, sem produzir questionamentos e nenhum conhecimento sob o aspecto acadêmico e científico, longe de qualquer perspectiva de docência.

Por fim, acreditamos que somente com a proposição de reflexões sobre a Arquivologia e seus desdobramentos profissionais, tanto no cenário universitário (envolvendo os alunos, os professores arquivistas e professores com formação em outras áreas) quanto na sociedade poderemos dar o primeiro passo para a construção de uma nova Era para a Arquivologia. Essas reflexões são benéficas principalmente pelo reconhecimento do profissional docente como pela própria e indissociável integralização e aplicabilidade de conhecimentos da Arquivologia na realidade de todos esses atores envolvidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Solange Silva Pereira de; PISCIOTTA, Renato Matsui. Profissão docente: o conceito da docência no âmbito social. **Revista Interfaces**, Suzano, ano 4, nº 3: p.45-47. abr. 2012.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2008. 238 p.

CALDERON, Wilmara Rodrigues. **O Arquivo e a Informação Arquivística: da literatura científica à prática pedagógica no Brasil**. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2011. 183 p.

Conselho Nacional de Pesquisa. **Plataforma Lattes**. Disponível em:<<http://www.lattes.cnpq.br/>>

COLL SALVADOR, César. **Aprendizaje escolar y construcción del conocimiento**. 2ª ed. Barcelona: Paidós, 1992.

FEITOZA, Leonina Amanda; CORNELSEN, Julce Mary; VALENTE, Silza Maria Pasello. **Representação do bom Professor na perspectiva dos alunos de**

Arquivologia. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte. v. 12, n. 2, p. 158-167. mai/ago. 2007.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, GeorgeteMedleg (Org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras.** Brasília: Thesaurus, 2011.

MORAIS, Maquézia; MORAIS, Janielly; LEITE, Lady; OLIVEIRA, Willyane. *A Desvalorização na Docência: Um Processo Histórico Social.* In: **Seminário Nacional do Ensino Médio História, Mobilização, Perspectiva**, 1., Mossoró, Anais. ... Mossoró: UERN, 2011. P. 1254–1264.

PENIN, Sonia Terezinha de Souza. **Profissão Docente.** São Paulo: PUC-SP, 1980.

SOUZA, Katia Isabelli Melo de. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho.** Starprint. Brasília, 2011. 252 p.

Universidade de Brasília. **Curso de Arquivologia.** Professores do Curso de Arquivologia. Disponível em: <<http://arquivologia.fci.unb.br/index.php/professores?limitstart=0>>. Acesso em: 16 de setembro de 2013.

Universidade de Brasília. **Curso de Arquivologia.** Histórico. Disponível em: <<http://arquivologia.fci.unb.br/index.php/home>>. Acesso em 16 de setembro de 2013.

Universidade de Brasília. **História da Universidade de Brasília.** Disponível em: <<http://www.unb.br/unb/historia/resumo.php>>. Acesso em 21 de setembro de 2013.

Universidade de Brasília. **História, principais capítulos.** Redemocratização. Disponível em: <http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/redemocratizacao>. Acesso em 21 de setembro de 2013.

Universidade Estadual de Londrina. **Departamento de Ciência da Informação.** Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/cin/>>. Acesso em 05 de outubro de 2013.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. **Corpo Docente.** Linha de Pesquisa, Arquivos, Arquivologia e Sociedade. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/ppggda/corpo-docente>>. Acesso em 02 de outubro de 2013.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. **História da Instituição**. Disponível em: <<http://www.unirio.br/institucional/historia>>. Acesso em 02 de outubro de 2013.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. **Escola de Arquivologia**. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/arquivologia/a-escola>>. Acesso em 02 de outubro de 2013.

Universidade Federal de Santa Maria. **Projeto pedagógico do curso de Arquivologia**. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/prograd/cursos/ARQUIVOLOGIA/>>. Acesso em 05 de outubro de 2013.